



## TEATRO LÍRICO

**C**ONSTRUÍDO na base do morro de Santo Antônio, no vasto terreno onde, desde 1854, estivera o Circo Olímpico, de propriedade de Bartolomeu Corrêa da Silva, foi o Lírico o melhor teatro da cidade. Ficava na rua da Guarda Velha (atual Treze de Maio), esquina da rua Senador Dantas, onde é hoje o chamado “Tabuleiro da Baiana”, tendo sido adquirido pela Caixa Econômica Federal por 3.950 contos e demolido em abril de 1934.

O antigo Imperial Teatro Dom Pedro II foi inaugurado no dia 19 de fevereiro de 1871 (Carnaval), com um grande baile de máscaras. Após a República, passou a chamar-se “Lírico”.

O velho casarão não tinha beleza arquitetônica em sua fachada, mais parecendo um assobradado comum, unido a um corpo posterior mais feio ainda. Internamente, porém, era a mais luxuosa casa de espetáculos do Rio de Janeiro, com 1.400 cadeiras de platéia, duas or-

dens de camarotes, uma galeria superior, uma varanda próxima à platéia, duas tribunas para a Família Imperial e seis camarotes no arco do proscênio. Além disso, tinha uma acústica perfeita e de qualquer ângulo da sala via-se inteiramente a cena.

Conta-se que D. Pedro II, assim que chegava a êsse teatro, metia-se no camarote, descalçava as botinas e assistia ao espetáculo de chinelas. Certa vez, um gaiato pregou-lhe uma peça: sem ser prescrito, meteu a mão pela cortina do camarote e tirou-lhe as botas. O Imperador não se desconcertou e saiu assim mesmo, atravessando a multidão que o saudava de todos os lados. Em chinelos desceu ao pátio e meteu-se na carruagem...

Em 1886, quando aqui chegou a Companhia Lírica Italiana, do empresário Cláudio Rossi, houve um desentendimento entre o maestro Leopoldo Miguez e o violinista Superti, culminando no pedido de demissão do grande regente da orquestra. O fato teve grande repercussão nos meios artísticos e, na noite de abertura da temporada lírica, com a "Aída", o público viu, com surpresa, subir ao estrado da regência justamente o violinista causador do incidente. Iniciou-se então estrondosa pateada. Superti, desesperado, largou a batuta, desceu o estrado enfurecido e sumiu. Seguiu-se grande silêncio na platéia. Instantes depois era visto o empresário angustiado, confabulando entre os músicos. Após breve hesitação, o primeiro violoncelista da orquestra, um jovem ainda, sobe ao estrado, fecha a partitura, ergue a batuta e, de cor, rege a ópera inteira, sendo entusiasticamente aplaudido pela assistência. Seu nome era Arturo Toscanini.

Em 1894, o Lírico foi motivo de célebre pleito judiciário entre a "Société Anonyme du Gaz", concessionária dos serviços de iluminação desta Capital, e a Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico, por ter esta, na noite de 2 de julho, iluminado a eletricidade o palco desse teatro com quatro lâmpadas ligadas por um fio ao cabo de bondes na rua. Alegando a "Société" que só ela tinha o direito à execução desse serviço, reclamou contra a violação do seu privilégio. A ação foi julgada procedente pela Câmara Comercial do Tribunal Civil e Criminal. Houve apelação para a Câmara Comercial da Corte de Apelação, que confirmou a sentença. Recorreu novamente a empresa de bondes, mas, por acórdão de 28 de outubro de 1895, as Câmaras Reunidas da Corte de Apelação puseram fim à questão, dando ganho de causa à "Société".

Não se prevaleceu, todavia, a companhia belga, dessa decisão, para negar ou embaraçar os serviços de eletricidade da Companhia Jardim Botânico: exigia, apenas, que cada pedido lhe fôsse feito oficialmente, "como uma homenagem ao seu direito".